



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

EXCESSOS CORPORAIS - AS MORALIDADES DE COMPORTAMENTO EM VÍDEOS ERÓTICOS

Matheus Vieira Pinho⁹
(UESB)

Nilton Milanez¹⁰
(UESB)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o discurso em vídeos de práticas violentas ao genital encontrados em *sites* eróticos e discutir as noções de moral e moralidades de comportamento, compreendidas a partir estudos de Michel Foucault e materializadas nos audiovisuais. Trataremos desse *corpus* sob duas óticas. Primeira: de que forma as práticas revelam uma convivência e uma resistência com a moral e as moralidades de comportamento? Segunda: de que forma as estratégias de gravação funcionam para uma preservação e exposição dos sujeito, sexual e moral? Assim, discutimos como os vídeos e as ações vão de encontro a esse controle de massa, a suas normas estruturais/morais e seu controle de comportamento.

PALAVRAS- CHAVE: discurso, corpo, moralidades de comportamento, sujeito

INTRODUÇÃO

Este projeto toma os estudos desenvolvidos por Michel Foucault para analisar os discursos, o lugar do corpo e da moralidade em vídeos de práticas excessivas à genitália. Os vídeos retratam sujeitos de sexo masculino que usam em

⁹Estudante de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – V. Da Conquista. Integrante do Labedisco/UESB – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. Email: matheus.vrlp@gmail.com

¹⁰Pós-doutorado em Discurso, Corpo e Cinema pela Sorbonne Nouvelle – Paris III. Professor Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e atua nos Programas de Pós-graduação em “Linguística” e “Memória, Linguagem e Sociedade”, na Uesb. É líder de Labedisco/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. www.uesb.br/labedisco. E-mail: nilton.milanez@gmail.com



suas genitálias matérias cortantes objetivando obter prazer com a dor por eles provocada.

Tomamos como base material de análise oito vídeos encontrados em alguns domínios eróticos, pelo sistema de busca: *vampire sex*, *deadly sex*, *bloody sex*, *snuff* e *gore*. A partir dos resultados das buscas, optou-se por tratar de duas categorias: práticas masculinas, contendo cinco vídeos; e práticas femininas, contendo três vídeos. Porém, para esse artigo, trataremos apenas de dois vídeos que compõem o primeiro grupo, tentando observar as regularidades discursivas entre eles. São esses: *Bloody Squirt* e *Penis Drilling*.

Os objetivos que movem essa problematização são os de pensar de que forma a moralidade e os lugares institucionais controlam o modo de se ver, obter e entender o prazer e o fazer sexual. Isso por que a sexualidade é um elemento constitutivo do sujeito, mas que por diversos motivos, inclusive a moralidade, acaba se associando a outras pessoas e grupos sociais. Os estudos e teorias foucaultinas são mobilizadas para se pensar as questões do corpo enquanto discurso e objeto da moralidade e, conseqüentemente, uma expressão de (des)governo.

A MORAL, A PRESERVAÇÃO E A RESISTÊNCIA DOS SUJEITOS-SOCIAIS E SEXUAIS

Em seus estudos Foucault torna o olhar para diversas problemáticas que rodeiam os processos de objetivação e subjetivação dos sujeitos, entre elas a moral, o controle das massas e as questões da sexualidade. Na história da Sexualidade II, no capítulo intitulado “Moral e Prática de Si”, Foucault nos aponta que a moral se constitui por um conjunto de valores propostos por aparelhos prescritivos diversos. Seria o caso da igreja, da família e em um âmbito mais geral, o estado. Porém, as questões que punham o filósofo, nesse momento, giravam em torno das questões dos sujeitos e de como assim se constituem. Com esse pensamento chega-se no que ele define por moralidades de comportamento:



(...)a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles tem uma consciência mais ou menos clara. Chamemos a esse nível de fenômenos a “moralidade dos comportamentos. (FOUCAULT, 1984 pg. 26)

Sendo a sexualidade uma das temáticas que move a sociedade e ao se pensar nas questões de moral/moralidades que a envolve, pode-se concluir que a forma de se guiar enquanto sujeito-sexual diz respeito não apenas ao indivíduo, mas ao grupo no qual o mesmo faz ou necessita fazer parte. A igreja por exemplo, enquanto lugar institucional, doutrina que a atividade sexual deve ser feita apenas após o casamento e em algumas vertentes, que ele deve ser feito sob essas condições e mesmo assim, apenas com o intuito de procriação, se excluindo o prazer; é condenado, também, a prática entre indivíduos de mesmo sexo, assim como a masturbação. Todas essas restrições interagem diretamente com a moral da população e principalmente, do sujeito-social; que nesse caso, pode se objetivar a partir de fundamentos que guiam não apenas ele, como muitos: o grupo do qual o sujeito faz parte.

Poderíamos entender a ideia ou a necessidade de pertencimento como o que Foucault define como modos de sujeição, pois os sujeitos se submetem a determinados preceitos ou dogmas para que possam ser reconhecidos como parte de um grupo. Discursivamente, ao se no flagelo enquanto alegoria, estaríamos voltando ao discurso cristão; que vê o flagelo enquanto um lugar de purificação, perdão e salvação, todos referidos a crucificação e ao calvário de Cristo. No entanto esse os vídeos trazem esse discurso em negativo, mostrando as punições como forma de extrair um gozo, subvertendo o discurso cristão, mas ainda ligado a ele, ao mostrar o suplício como uma alegoria de signos e significados.



Foucault arquiteta que a atividade sexual deve ser objeto de diferenciação e apreciação moral. Isso por que a moral sob a atividade sexual pede uma “delimitação que permite fixar até que ponto e em que medida se é conveniente pratica-la” (FOUCAULT, 1984, pg. 47). As práticas retratadas nos audiovisuais funcionam enquanto formas de se conduzir, verificamos ai um modo de resistência, pois voluntariamente os sujeitos escapam dos aparelhos de identificação e normalização. As ações confrontam a moral/moralidade vigente ao estarem contra o sistema pró-vida e ao trabalharem a individualização das práticas sexuais diante de uma construção moral individual; o sujeito “estabelece para si um certo modo de ser que valera como realização moral dele mesmo” (FOUCAULT, 1984, pg. 28).

Com essa definição podemos começar a discutir as diversas formas de um indivíduo resistir e transgredir as normas e condutas morais que a ele são impostas, o modo do sujeito conduzir-se. Ao se tomarmos os dois vídeos analisados nesse trabalho começamos a problematizar de que maneira os conceitos de moral e resistência podem ser deslocados. Nos audiovisuais estão presentes práticas de flagelo e punição à genitália masculina, o rosto dos homens não é mostrado e apenas a prática compõem a sequência, por esse motivo, iniciamos as problematizações observando apenas a construção e obtenção de um prazer próprio, que é focalizado, e que afronta certos lugares institucionais e regras morais.

As estratégias audiovisuais ventilam uma preocupação e um cuidado moral. O indivíduo social ocupa diversos espaços de sujeição; pode ser o sujeito pai, filho, chefe, empregado, líder religioso, médico e tantos outros, e eles todos exigem certas posições e formas de se portar. Sendo assim, um indivíduo de moral passa toda a sua vida agindo de acordo com uma moral de conduta, não apenas tentando se encaixar em determinadas regras, como “também para tentar transformar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta” (FOUCAULT, 1984, pg. 27-28). Porém, como já dito, os sujeitos igualmente podem agir de forma resistente, ou mesmo transgressora a determinadas normas, saindo de dispositivos de



identificação e normalização. Assim surge a questão: de que maneira as materialidades audiovisuais criam uma relação entre moral, norma, transgressão e lugares de subjeção.

No primeiro vídeo (figura 1), que servirá para a análise será o *Bloody Squirt*. No primeiro *frame* vemos um indivíduo com a agulha de uma seringa cirúrgica inserida em seu pênis, ao tira-la, no segundo *frame*, uma quantidade de sangue começa a jorrar de seu órgão e com isso homem começa a se masturbar até atingir o coito. No terceiro *frame*, fim do vídeo, a parte visível de sua barriga está coberta de sangue e esperma, que se misturar. Evidentemente, trata-se de um conteúdo bastante forte, porém é pertinente pensarmos no desconforto causado como uma construção discursiva social. Seria por conta da moral e das normas já ditas que as ações acima ilustradas seriam vistas como desgovernadas e excessivas. Isso por que diferentes lugares institucionais afirmaram qual a forma aceitável de se extrair prazer. Sendo assim, ao se deparar com um indivíduo que utiliza de métodos incomuns e agressivos para obter um coito, a moral/moralidade a classifica como anormal e/ou desgovernada.

Na figura 2, vemos três *frames* do vídeo *Penis Drilling*, a prática em si provoca um estranhamento maior. Na primeira imagem vemos o indivíduo segurando uma furadeira, vemos apenas a genitália, parte inferior de sua barriga e parte da perna. Conforme a sequência segue, segundo *frame*, a broca da furadeira é lubrificada e inserida no buraco da uretra do sujeito que possui o seu órgão genital bifurcado. O objeto é ligado e em movimentos de vai e vem crescentes até que o homem ejacula, terceiro *frame*. Em termos de governo de si, essa prática revela um maior conhecimento, vez que a furadeira é mais agressiva e pesada que uma agulha e que o pênis bifurcado revela uma preparação ou interesse prévio para esse tipo de prazer; um cuidado de si que fica claro em quesitos corpóreos discursivos.

Em ambos os vídeos, podemos ver apenas a genitália, a virilha, as mãos e em alguns momentos o início das pernas; essas partes são mostradas por uma câmera



imóvel, fixa, e em plano aproximado. Não há identificação dos sujeitos, do local em que estão ou nenhum outro traço que possa possibilitar algum tipo de construção. O que acontece com os autores das ações nesses vídeos, então, é que eles estão “imprimindo singularidade a um acontecimento pelo fato de excluir tantos outros” (MILANEZ, 2009, pg. 217). O corpo está assim, esquadrinhado. No momento em que é recortado pela objetiva, retira-se a marca principal de identidade do sujeito, seu rosto. Sendo assim, nos identificamos o praticante como um sujeito-corporal, mas especificamente pela genitália. Ao não mostrarem seu rosto os homens estão voltando a câmera apenas para a atividade em si. Em termos de norma e moral essas escolhas produzem um “apagamento da marca primeira de identidade do sujeito que foi ao longo do tempo marcado pelo seu rosto” (MILANEZ, 2009, pag. 217). Ou seja, os sujeitos aqui se identificam apenas pelas suas paixões, seu prazer. Sem seu rosto, ou nenhuma outra parte de identificação disponível, o sujeito garante que manterá seus outros lugares de subjetivação preservados.

Logo, deve-se pensar nesse esquadrinhamento não apenas como uma intenção na produção, mas também como uma materialidade discursiva que preserva os diversos outros lugares do sujeito social e moral. Pois assim, ele não se sujeita diretamente a julgamentos e pré-conceitos em torno de sua identidade e se suas qualidades morais, que vão além, apenas, da sexual.

CONCLUSÕES

Observa-se então que a sexualidade e as práticas de prazer, assim como outros aspectos da vida do indivíduo, carregam consigo uma série de preceitos e regras morais. Carrega consigo uma série de discursos que a permeiam, como é o caso dos aparelhos institucionais da igreja e do estado. Essas, ditam não apenas a forma como o sujeito deve se portar diante da sua sexualidade, mas também como ele deve preservar se. Isso por que, como foi explicitado, a sexualidade é um dos



elementos de subjetivação que constituem o indivíduo moralmente e que uma vez associada a determinado sujeito ou grupo, não pode ser dissociada..

Este artigo, trata minimamente de apenas um assunto tratado pela pesquisa geral, pois além de se pensar nas questões morais, também são trabalhados outros preceitos e conceitos fomentados por Michel Foucault, como : (des)governo, práticas e cuidados de si e biopolítica; esses serão deslocados para se pensar tanto em vídeos de práticas masculinas (trabalhadas, em partes, neste artigo), como também femininas. Nesse último as materialidades e regularidades são outras e igualmente ricas, tanto para se problematizar as teorias já acima comentadas, como também o posicionamento da mulher sobre seu sexo.

REFERÊNCIAS

DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1985) **Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica:** (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2;** O uso dos Prazeres. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque Rio de Janeiro: Edição Graal – 1984

_____. **Os Anormais: curso no Colledge de France (1974-1975).** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes – 2001

_____. **Ditos e Escritos III – Estética: literatura e pintura, musica e cinema.** 2ª ed. Tradução de Inês Autran Dourado Bardosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária – 2009

_____. **O Nascimento da Clínica.** Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária – 1980

MILANEZ, Nilton . **Corpo cheiroso, corpo gostoso:** unidades corporais do sujeito no discurso. Acta Scientiarum. LanguageandCulture (Impresso), v. 31, p. 215-222, 2009.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

____; SANTOS, Jamille da Silva. **Modalidades da transgressão**: discursos na literatura e no cinema. Org. Nilton Milanez e Jamille da Silva Santos. Vitória da Conquista: LABEDISCO - 2013.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais / Judith Revel ; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos : Claraluz, 2005.

Videografia

Bloody Squirt (2011). Disponível em: <<http://www.superzooi.com/691/bloody-squirt/>>

Penis Drilling(2014). Disponível em: http://www.heavy-r.com/video/173221/Penis_Drilling/